



SESSÃO SOLENE
COMEMORATIVA DOS 70 ANOS DE
ARISTIDES AZEVEDO PACHECO LEÃO
REALIZADA EM
21 DE NOVEMBRO DE 1984

DIRETORIA – 1983-1985

Presidente: MAURICIO MATOS PEIXOTO
Vice-Presidentes: OSCAR SALA
 JOSÉ ISRAEL VARGAS
Secretário-Geral: HISS MARTINS-FERREIRA
1º Secretário: WALTER BORZANI
2º Secretário: CÂNDIDO SIMÕES FERREIRA
Tesoureiro: FERNANDO BRAGA UBATUBA

Palavras proferidas pelo Professor PAULO NIEMEYER

Meu caro amigo Aristides Leão

A presença de um neurocirurgião entre cientistas tão ilustres, quando se festeja o seu aniversário e se comemoram os quarenta anos da *Spreading Depression*, tem como razão principal a nossa longa e estreita amizade.

Mas, também, a neurocirurgia não podia estar ausente. Há quarenta anos, desde seu regresso dos Estados Unidos que nós, volta e meia, o procuramos, em busca de um ensinamento ou para o esclarecimento de uma dúvida, acerca de problemas ligados à cirurgia da epilepsia.

Em companhia de nosso sempre amigo Abraham Akerman, fomos muitas vezes ao Instituto de Biofísica, no velho e sempre lebrado casarão da Praia Vermelha, apenas para vê-lo e consultá-lo, ou para pedir ajuda de seus técnicos para consertarem um osciloscópio ou um pré-amplificador, nas nossas frustradas pretensões de organizar um laboratório, anexo à nossa clínica, para o estudo da epilepsia.

Assistimos às suas experiências de depressão alastrante, já naquela época com a valiosa colaboração de Hiss Martins-Ferreira.

Em 1954 e 55, tivemos sua colaboração nos cursos de Eletroencefalografia e de Epilepsia Temporal de Henry Gastaut, e sua participação brilhante no Colóquio Internacional de Eletrocorticografia da Santa Casa da Misericórdia, juntamente com Earl Walker, Henry Gastaut, Bartolomé Fuster, Vilavencio e Mosovich. E não faltou uma tentativa cirúrgica de produzir o *Spreading Depression* no cérebro humano, orientada por você.

Sendo você um cientista puro, um pesquisador dos fenômenos básicos de neurofisiologia, sua presença nesses cursos e no Colóquio de Eletrocorticografia, mostra seu interesse pelos problemas da fisiopatologia humana. Seu desejo em ver confirmado o relacionamento da depressão alastrante com os mecanismos produtores das crises epilépticas e da enxaqueca, traduzem seu interesse pelo ser humano, embora suas atividades e pesquisas se exerçam em laboratórios.

A epilepsia tem sido a grande fonte de conhecimentos sobre o funcionamento do cérebro humano. Não só pela observação clínica de suas manifestações, desde Hughling Jackson, até as pesquisas de respostas à estimulação cortical nas tentativas cirúrgicas de Wilder Penfield.

Por isso mesmo, tem despertado o interesse dos neurofisiologistas, clínicos e cirurgiões. O mistério de seus mecanismos, a incerteza dos modelos experimentais, as variedades clínicas, a precariedade da terapêutica e o empirismo da cirurgia, fazem dessa enfermidade um desafio à ciência.

Os conceitos patogênicos mudaram, das causas sobrenaturais do passado mais distante, a causas orgânicas empíricas ou extravagantes. Não precisamos ir tão longe, a buscar Hipócrates, confundindo o cheiro do bode ao odor do líquido cefalorraquidiano dos bodes epiléticos. Em Portugal do século XVIII, se admitia que a epilepsia se transmitisse do homem ao animal e, quando isso acontecia, o paciente curava-se. No tratado de *Medicina Lusitana* da autoria de Francisco da Fonseca Henriques, médico do Rei D. João V, editado em Amsterdam em 1731, acha-se descrito um fato bem conhecido em Lisboa daquela época. Dona Victoria de Bourbon, filha do Conde dos Arcos, religiosa do Mosteiro da Rosa, sofria de crises epiléticas, e teria contaminado os gatos do Mosteiro, morrendo-lhe duas gatas. E ela curou-se!

O mesmo autor cita Joelius Langelöt, que recomendava aos seus clientes epiléticos, dormirem na mesma cama com uma cadelinha virgem. Em pouco tempo a *gota-coral* se transmitia à cadelinha e o cidadão curava-se.

A ciência deu um salto magnífico e passamos da cura da epilepsia, *gota-coral*, como era chamada, dormindo com uma cadelinha, para o conhecimento dos mecanismos mais íntimos do acesso epilético, abrindo-se novos horizontes para novas pesquisas, e você, meu caro Aristides, participa dessas conquistas com sua importante descoberta da *Spreading Depression*.

A progressão das crises Jacksonianas está provavelmente ligada ao fenômeno da *depressão alastrante*, a dúvida maior está nos diferentes tempos de propagação, sendo a crise rápida e a depressão, lenta. Mas as alterações bioquímicas que facilitam o aparecimento e a evolução da *Spreading Depression*, se aproximam das que acompanham as crises epiléticas e, como você demonstrou, existe uma atividade epilética, antecedendo o alastramento da depressão.

As faixas de supressão motora da córtex cerebral descritas por Marion Hines e Dusser De Barene, primeiro como faixa **S1** e depois acrescida de outras faixas, são artefatos ou a própria *depressão alastrante* e portanto, sem uma topografia anatômica definida.

Em trabalho que publicamos há vários anos, observamos no cérebro humano a depressão da atividade espontânea da área 4 e elevação

do limiar de excitabilidade dessa área, após a estimulação elétrica da córtex pré-frontal. Atribuímos às faixas de supressão motora, mas hoje acreditamos tenha sido o efeito da depressão alastrante.

Também Paul Bucy incluiu essas faixas supressoras nos esquemas dos circuitos neuronais envolvidos nos mecanismos produtores do tremor parkinsoniano e da córeo-ateose. Hoje em dia, esses circuitos estão abandonados. As taxas supressoras nada mais são que a depressão alastrante.

Os escotomas cintilantes, observados na enxaqueca, estão relacionados à *Spreading Depression* cortical ou da retina. A impressão clínica é de que a origem é cortical, porque a manifestação é bilateral e sob a forma de uma hemianopsia homônima. As cintilações começam no centro do campo visual e se propagam, não de forma circular, como Hiss demonstrou na retina do pinto, mas em semicírculo, predominando em quadrantes inferiores, nasal de um lado, e temporal do outro, para a direita ou para a esquerda, num mesmo paciente.

Na modesta condição de médicos, e com o pragmatismo dos neurocirurgiões, aguardamos a descoberta de medicamentos capazes de interromper o curso da depressão alastrante, e que possam sustar no homem, as crises epiléticas e a progressão das manifestações neurológicas da enxaqueca.

Meu caro Aristides, não é difícil falar da personalidade de um homem perfeito como você. Suas qualidades como pessoa humana, como cientista, como amigo, são inexcedíveis e se completam com o seu despreendimento, a sua simplicidade e a sua modéstia, diante do seu valor e prestígio. A elegância de suas atitudes é a gentileza do trato, o fazem um homem cercado de amigos e admiradores.

Como todo gênio tem a sua musa, levamos a Bebete o nosso carinhoso abraço, pela felicidade e alegria que deu à sua vida.

Meu caro Aristides, muitas felicidades.

Palavras proferidas pelo Acadêmico CARLOS CHAGAS

Tenho para mim que qualquer dia é dia para se prestar uma homenagem a Aristides de Azevedo Leão, um dos grandes cientistas brasileiros. Receio que as homenagens que lhe prestou o Instituto de Biofísica, há algumas semanas e estas, agora, da Academia Brasileira de Ciências, melindrem uma das mais nítidas características de sua excepcional personalidade, que é a sua modéstia e, por isto mesmo, direi menos, no meu entusiasmo, do que aquilo que penso.

É justo comemorar a sua chegada à setentona, o que desobriga Aristides de certas atividades. Sei que vai, de agora em diante, lhe escapar a possibilidade de exercer cargos de direção, ou de participação coletiva, em nossa Universidade, mas também sei que não se afastará ele do nosso convívio, nem deixará de exercer em nosso laboratórios, pelo seu aconselhamento científico, pela sua excelência, pela sua simples presença, direi, a mesma influência que vem exercendo há mais de quarenta anos.

O evento de hoje não é uma rotina. É um merecido aplauso. Nosso companheiro e figura singular e de unânime apreço no cenário científico brasileiro, que digo? no cenário científico internacional.

Não sei dizer quando conheci Aristides Leão. Penso que era ele o menino pequeno, encabulado, que eu via no Jardim Botânico olhando as plantas com o cuidado de um adulto, nas tardes vazias em que lá ia, atraído pela sabedoria e pela bonomia de seu tio, o Professor Pacheco Leão, lente da Faculdade de Medicina, Diretor do Jardim Botânico, e amigo de tempos de meu pai. Passávamos pelo jardim, eu, maravilhado pelo saber do mestre que tudo explicava. De quando em quando via o menino se aproximar e, cautelosamente, quando o tio parava de falar, fazer-lhe uma pergunta, sempre ouvida atentamente, e respondida com o prazer que têm os mestres verdadeiros de atender às questões que lhes são postas. Tinha eu entre 16 e 17 anos e Aristides estava então na faixa dos treze para os quatorze. Mais tarde, vim a conhecer quase toda a família em um passeio de barco, para o qual Regina e Manoel Leão me convidaram. O passeio marcou-se na minha memória pelo encanto do convívio e porque, por que não manifestá-lo de viva voz?, aprendi na ocasião e com que prazer a comer ostras, pois as havia em abundância

na nossa hoje tão poluída Baía de Guanabara. Tidixe, como o chama a família, não estava conosco, mas lembro-me de Magú e seu marido, José Claudio Costa Ribeiro, que tantas vezes nos entretiveram, Annah e a mim, em sua mansão do Boticário, na qual, pela primeira vez, encontrei-me com José Lins do Rego e da qual Manuel Bandeira era conviva constante.

A família Leão é, realmente, um pedaço do Brasil. Um Brasil de compreensão humana e de fraternidade, que dão a marca dos Leão

Não conheci o pai de Aristides, mas certamente quem viu, uma só vez que tenha sido, Dona Tita, sua mãe, nunca se esquecerá de sua figura de medalhão antigo, de suas qualidades de grande dama, da perfeição de seu rosto e da delicadeza do seu trato, beleza e delicadeza tão bem reproduzidas nos seus admiráveis desenhos e quadros.

Como acredito que a convivência familiar marca de maneira indelével a criança que se desenvolve, pois nela se ampliam ou, para usar um termo científico, se desreprimem os caracteres genéticos mais marcantes, é que me detenho para falar rapidamente sobre a tribo em que Aristides cresceu. Manoel Leão, o irmão mais velho, de quem eu ouvi dizer várias vezes ser o melhor engenheiro que o Brasil já produziu. Maria Augusta, a irmã mais velha, expressão máxima dessa ternura que a brasileira de alto coturno tão bem sabe imprimir, na sua simplicidade, ao convívio de seus íntimos, intelectual sem pernosticismo, fonte de informações constantes para os seus íntimos, Carlos Leão, ele mesmo de admirável traço, o genial arquiteto que se situa entre os que imprimiram nova direção à arquitetura brasileira, sabendo juntar, respeitada a ecologia, às modernidades dos novos materiais de construção, o traço original, a beleza e o conforto das velhas concepções com que se construíram os edifícios coloniais. Como sentimos todos a sua falta neste momento! . . . Rosinha, a irmã mais nova, cuja colaboração com Candido Portinari foi, em confiança que deste recebi, extraordinária. E ainda este tufão de simpatia que é Teófilo de Azevedo Leão que, após aventuras no domínio da agricultura, hoje se dedica a servir à Ciência. A essa tribo junta-se uma nova expressão da criatividade artística brasileira na figura de Maria Luiza, neta mais velha de Dona Tita.

Meu segundo encontro com Leão passa-se em uma quente manhã de março de 1938. Iniciava eu as minhas atividades definitivas na Praia Vermelha quando vejo sentado no topo do Anfiteatro quem só podia ser irmão de Manoel e Carlos Leão. Ficou pouco tempo naqueles duros bancos, copiados em 1920 de um modelo italiano, já em desuso. A acústica era terrível e a distância que me separava, mesmo dos alunos mais

próximos, demasiada. Que dizer então dos que se punham nas últimas filas, lá no alto, talvez para não ter que descer a íngreme e arduosa escada que os levaria à primeira bancada, ou então, para poder sair mais facilmente do curso por demais complicado. Não sei por que Aristides sentava-se sempre lá no alto! Lá me apareceu, entretanto, com constância variável, durante dois meses e depois desapareceu.

Anos depois, veio ao meu encontro. Acabara de obter com louvores o título de Doutor em Filosofia, Ph. D., para usar a sigla comum, da Universidade de Harvard, uma das mais intelectualizadas do mundo e adaptada ao espírito de Aristides pela beleza de seus campos margeando o rio Charles.

Sua tese se tornaria famosa, porque totalmente original. Nela, Aristides Leão descreve, pela primeira vez, o fenômeno de depressão alastrante: a onda de Leão ou, para usar a expressão internacional, a "Leao wave". Já era um cientista de valor consagrado e imediatamente senti como seria proveitoso o seu ingresso no então Laboratório de Biofísica.

Refletindo sobre estes tempos passados, vem ao meu espírito o refrão do Cardeal português na "Ceia dos Cardeais" e o parafraseando, direi: "Como era diferente a vida universitária! . . ." É que, em pouco tempo, um auxílio de Guilherme Guinle assegurou-me a bolsa que me permitiu guardá-lo no laboratório e logo depois, sem as complicações restritivas que o Ministério da Educação e Cultura impõe às nossas Universidades, vê-lo contratado como "técnico especializado", função que eu havia criado pela boa visão desse extraordinário homem público que é Luiz Simões Lopes, para poder trazer para o laboratório, com um nível salarial mais apropriado, Hertha Mayer, René Wurmser, José Moura Gonçalves, José Veiga Sales e Antonio Couceiro.

Daí em diante, Aristides navegou sozinho. E como um bom capitão, estabeleceu a sua carta de navegação, mas ao mesmo tempo criou em torno de si a sua segunda família, a família científica. Numerosos foram os jovens que o procuraram e a eles deu a orientação e a sabedoria que só a compreensão, a inteligência, a intuição e o conhecimento científico de um pesquisador verdadeiro podem dar a um jovem aprendiz. Mais ainda: Leão trouxe para o nosso laboratório a vivência científica norte-americana, que nenhum de nós — eram os tempos da Guerra — pudera adquirir.

Em pouco tempo os seus trabalhos — a princípio olhados com cepticismo — como acontece tantas vezes em Ciência — começam a fazer mundo e, em outros laboratórios em países da Europa e dos

Estados Unidos, passa-se a estudar a "onda de Leão", fenômeno que é uma das chaves com que se abrirão, em grande parte, os mistérios da atividade cerebral e de suas alterações. O volume editado pela Academia Brasileira de Ciências, em sua homenagem, bem justifica a minha assertiva.

Por tudo isto Aristides adquiriu uma senioridade científica no Instituto de Biofísica — em que se transformara o Laboratório de Biofísica — que deu normalidade à minha substituição quando, passando a Diretor da Faculdade de Medicina, pedi-lhe que exercesse a direção do Instituto. Feito Diretor, a sua atuação mostrou-nos o varão zeloso, cuidadoso, chegando às raízes do perfeccionismo, paciente, mas intransigente, qualidades essenciais de um administrador científico, qualidades que a minha impetuosidade muitas vezes rechaçou, mas que o tornaram um chefe incomparável.

Eleito eu Presidente desta Academia, foi de novo natural que o chamasse para ser o meu primeiro Vice-Presidente, pois sem dúvida precisava do seu conhecimento científico e do seu prudente aconselhamento.

Levado à UNESCO em 1966, senti que esta Academia, à qual procurei dar nova vida, estava em boas mãos e, daí em diante, durante quinze anos, Aristides de Azevedo Pacheco Leão foi seu Presidente. Leão, excelente timoneiro, soube conduzir a Academia através dos ventos de turbulência que atormentaram o país em toda a duração dos seus mandatos e que, felizmente, se dissiparam. É assim o homem que, por todas as condições, merece o nosso aplauso e a nossa admiração. A minha não tem limites.

Meu caro Aristides, nossa convivência de mais de quarenta anos não tem nuvens. Não tem porque nos batemos pelos mesmos ideais, entre os quais se destaca a sobrevalência da Ciência brasileira, talvez devesse eu dizer, da sua sobrevivência, já que a vemos ameaçada em nossos dias pelo descaso com que se trata a ciência fundamental, sem a qual não se forma a estrutura científica de uma Nação. Há, a nos unir, as amizades de família. Annah e minhas filhas lembram sempre sorrindo do que foi a estadia de todos nós quando fomos a Salvador. Quantas vezes você me substituiu junto a elas enquanto eu julgava tumultuado concurso na Faculdade. O amigo e o tio ficaram-lhes no coração e é com o mesmo carinho de então que, já com vários filhos, Maria da Glória, Silvia Amélia, Ana Margarida e Cristina Isabel se referem a você, o que mostra como os seus corações estão marcados pela sua personalidade.

Esta ternura genuína que temos por você a estendemos a Elizabeth, que lhe tem trazido a constância da compreensão e o desprendimento do amor verdadeiro. Ainda que me tenha alongado, não quero deixar de fazer uma última reflexão sobre o nosso homenageado. Não se trata do neurobiologista, nem do administrador científico. É que há em Aristides algo que os cientistas de hoje não podem ter. Refiro-me ao espaço permanente para reflexão, sem o qual não há progresso científico. Este espaço é hoje invadido pela enormidade das tarefas que se impõem ao cientista: relatórios, pedidos de bolsa, participação em comitês, tudo feito como cópia dos países avançados, mas sem o auxílio administrativo que o cientista neles tem. Não sei como Aristides sabe resguardar o seu espaço para reflexão. Quero proclamar que, ainda recentemente, em estudo que fiz de cientistas de ontem, e também de outros tempos, encontrei neles um traço que distingue nosso homenageado: a universalidade de seu pensamento. Mas há ainda um outro a referir. Leão, como biologista, é sem dúvida um daqueles que mais profundamente se apegaram aos vários aspectos da nossa natureza, tão desprezada, do mesmo modo que o viu Agassiz em 1866, pelos nossos compatriotas ainda hoje, quando apenas um pequeno grupo, para o qual você é um herói, a defende.

Senhores. Ser um naturalista autêntico, como Aristides o é, não é fácil. Não basta ser um ótimo botânico ou um bom zoólogo. Precisa-se saber enquadrar, uns nos outros, os mais variados aspectos que a natureza nos mostra, como num quebra-cabeças, as várias peças que o constituem. O naturalista não se forma, não se cria. Ele existe. Simplesmente é. No naturalista não se encontra uma cultura toda especial, mas sim um amor estrutural pelas cousas naturais que se estende ao Universo e que dá à sua visão uma capacidade de generalização que não encontramos no especialista. Aristides Leão, assim é. Daí o seu sucesso no programa da UNESCO sobre o Homem e a Biosfera, e o interesse com que é ouvido no Instituto de Fisiologia de Insetos e Ecologia de Nairobi, do qual é conselheiro.

Creio poder dizer que o menino que vi no Jardim Botânico outrora, sempre existiu dentro de Leão e se desenvolveu. é por isto que, ao lado do grande experimentador de bancada, eu o vejo dublado de naturalista, espécie que, como as de nossas flora e fauna, começa a se extinguir, arrasada sobretudo pela civilização material, que não respeita códigos, princípios éticos, desconhece o amparo que o cientista deve ter, bem como a importância da complementação entre a natureza e o homem dentro da qual este vive.

Agradeço-lhe desvanecido, Senhor Presidente desta Academia, a honra de ter podido expressar a Aristides de Azevedo Pacheco Leão o sentimento de admiração e de amizade que é de todos nós que pertencemos a esta Companhia, que é da comunidade científica nacional e internacional e de todos os brasileiros que o conhecem de longe ou de mais perto.